

As secções do vale em Caldas do Moledo: a metamorfose do lugar e do tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro

Ana Filipa Dias^a , Carla Garrido^b , Teresa Calix^c 

^a Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, Programa de Mestrado Integradado em Arquitectura, Porto, Portugal. E-mail: anafilipamoreiradias@gmail.com

^b Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Porto, Portugal. E-mail: carla.garrido@arq.up.pt

^c Universidade do Porto, Faculdade de Arquitectura, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Porto, Portugal. E-mail: teresa.calix@arq.up.pt

Submetido em 15 de junho de 2018¹. Aceito em 2 de dezembro de 2019.

Resumo. *Caldas do Moledo, conhecida como Pórtico de entrada do coração do Douro graças à sua posição estratégica na margem direita do Rio, sempre foi de grande importância no âmbito do intercâmbio económico, cultural e social. Contudo, novas dinâmicas emergem na região e lugares outrora protagonizantes encontram-se suspensos no tempo, numa decadência expectante de uma nova vida. A construção de uma estratégia de revalorização para o caso de estudo procura compreender as possibilidades de recuperação de um lugar pleno de carácter que detém potencialidades enquadráveis nas dinâmicas contemporâneas. Será apresentada uma visão que não se revê nas imagens superficiais do Douro turístico, procurando, antes, valorizar o seu Genius Loci. As potencialidades multidimensionais do corte são exploradas enquanto método de investigação e, simultaneamente, instrumento de observação, processo de interpretação e estratégia de intervenção. O argumento central procura compreender como, desde a Secção do Vale de Patrick Geddes, passando pelas cross-sections de Peter Hall, até à construção do olhar oblíquo entre as camadas palimpsésticas de André Corboz e a observação eclética de Stefano Boeri –olhando Alois Riegl pelo retrovisor–, as transformações do território reclamam outros instrumentos de compreensão e estratégias na modificação das realidades. Torna-se essencial compreender para criteriosamente preservar e transformar o património material e imaterial da Região do Douro, aqui focado em Caldas do Moledo, tanto quanto é imperativo reconstruir um discurso que una tradição e progresso, verdadeiramente representante de uma ‘Paisagem Cultural Evolutiva e Viva’.*

Palavras-chave. *Douro, Caldas do Moledo, método de investigação, corte multidimensional, estratégia de revalorização*

Secções múltiplas como método de investigação: instrumento, processo, estratégia

No século XIX assistiu-se à afirmação de uma dicotomia entre a cidade, vista como um lugar dinâmico mas insalubre, e o campo. Ao longo do último século, vários são os autores que procuram compreender e dar resposta a esta concepção bipartida do território. Assim, as visões seleccionadas neste artigo, apesar de corresponderem a

métodos e abordagens diferentes, contribuíram para a evolução das formas de observar e compreender o território. Permitindo, actualmente, construir um discurso oblíquo, constituem uma oportunidade para (re)visitar o pensamento desses mesmos autores e, ao mesmo tempo, propor um método de investigação que possa contribuir para a construção de um olhar informado que se consubstancia numa estratégia multidimensional.

Patrick Geddes (1854-1932), biólogo e filósofo escocês, considerado o fundador do planeamento regional, publicou pela primeira vez, em 1909, logo aprofundada em *Cities in Evolution*, em 1915, “The Valley Section”, a sua contribuição mais conhecida para explicitar a relação cidade-campo ou cidade-região (Figura1). Segundo Geddes, o conflito entre cidade e campo não existe: o último encontra-se presente na cidade, enquanto esta, por sua vez, influencia e dissemina os seus valores no território envolvente. Esta visão unitária, apresentada na primeira década do século XX, foi fundamental para desencadear a discussão sobre as várias formas de analisar e intervir no território, contribuindo para o alargamento e a complexificação das matérias associadas à compreensão do fenómeno urbano e territorial, e a criação de diversas perspectivas e instrumentos de investigação nos tempos subsequentes.

Em 1988, Peter Hall (1930-2017), geógrafo urbano, publica *Cities of Tomorrow* onde percorre a história do planeamento urbano desde 1880, destacando os desafios socioeconómicos que determinam as diferentes ideologias e práticas que, por sua vez, caracterizam os distintos capítulos

desta obra. Analisa, para cada período identificado, os diversos movimentos presentes, caracterizando-os desde a sua concepção, desenvolvimento, apogeu, experimentação, crítica e, por vezes, também fracasso, mas evidenciando sempre que, e como, de uma forma ou outra, contribuíram para a construção da cidade. Será no capítulo “The City in the Region. The birth of Regional Planning: Edinburgh, New York, London, 1900-1940” que Peter Hall, apresentando uma perspectiva do planeamento regional através da visão do comunismo anarquista baseado nas confederações livres de regiões autónomas, retoma as ideias de Patrick Geddes (Figura2), evidenciando de que modo estas foram construídas a par e transmitidas a outros autores, tais como Ebenezer Howard (1850-1928) ou Lewis Mumford (1895-1990). A *Secção do Vale*, como método de análise, volta a ter um papel dominante no discurso de Hall, dotando-a contudo de autonomia interpretativa face à visão original de Geddes, na formulação de um entendimento que assenta na leitura transversal e não longitudinal, como o primeiro propõe, da secção face ao rio.



Figura 1. “By descending from source to sea we follow the development of civilization from its simple origins to its complex resultants; nor can any element of this be omitted. (...) In short, then, it takes the whole region to make the city. As the river carries down contributions from its whole course, so each complex community, as we descend, is modified by its predecessors. The converse is no doubt true also, but commonly in less degree.”(Geddes 1905, 106)“The valley section is the basis of survey. In such ways we may work out very many specific and definite civilization values. We can discover that the kind of place and the kind of work done in it deeply determine the ways and the institutions of its people.” (Geddes 1949 [1923], 18) (fonte: Arquivo da Universidade de Edimburgo).

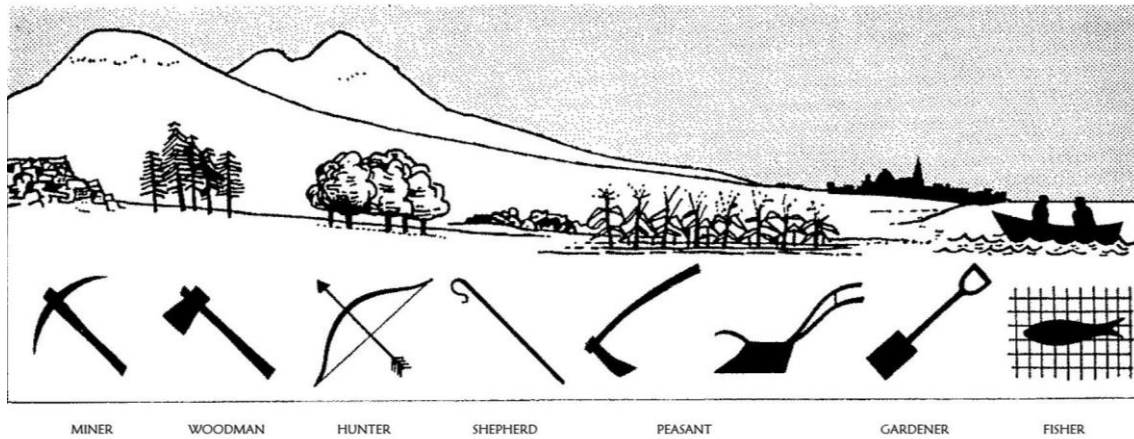


Figura 2. “For this great work, Geddes constantly argued, the planner’s ordinary maps were useless: you must ideally start with the great globe which Reclus proposed, but which never got built; failing that, you must draw cross-sections ‘of that general slope from mountains to sea which we find everywhere in the world [which] we can adapt to any scale and to any proportions, of our characteristic range, of hills and slopes and plain’.” (Hall 1996, 142) (fonte: Hall 1996 [1988], 143 [orig. Geddes 1905]).

É importante frisar que a *Secção do Vale*, tanto em Geddes como em Hall, não é somente uma ilustração das dimensões ambiental e social das paisagens do vale, mas sim uma tentativa de compreender o padrão de apropriação do território que se traduz na cidade contemporânea incidindo sobre as raízes de ocupação humana na paisagem. Ao evidenciar a ideia de cidade-região, vista como uma unidade que vai além dos limites da cidade administrativamente definidos, consubstanciou a escala da região e do território como novo âmbito de reflexão pertinente e essencial na construção do conceito e definição disciplinar, então emergente, de planeamento urbano. Reconhecendo a dimensão dinâmica da construção do território transformado e vivido pelo Homem, a necessidade de introduzir outros instrumentos de representação e compreensão da multiplicidade de realidades que transcendem o campo da arquitectura e do urbanismo torna-se evidente.

Ainda na década de 1980, André Corboz (1928-2012), historiador e professor suíço de

arquitectura e urbanismo, em “Le territoire comme palimpseste”, de 1983, reafirma a necessidade de conhecer a entidade física e formal do território, reiterando a falta de fundamento do antagonismo entre cidade e campo. Segundo o autor, se esta concepção

dicotómica é sobretudo de origem urbana e unidirecional, pressupondo o domínio e a delimitação clara da primeira relativamente ao segundo, a realidade pós-industrialização, tal como Geddes e Hall reconhecem, é significativamente mais dinâmica, interactuante e intercambiável. Assim, se o território é para Corboz *processo, produto e projecto*, organismo vivo em constante metamorfose que renasce e adquire novas identidades através de um processo continuado e transformador, ele é também a relação que se estabelece entre a superfície topográfica e a população que a habita e, por isso, pressupõe um imaginário colectivo.

Esta ideia de metamorfose converge com a crítica de Stefano Boeri (1956-), arquitecto e urbanista italiano, em “Eclectic Atlases”, de 1998, relativa à inaptidão da arquitectura e do urbanismo actual e à sua consequente incapacidade de responder à complexidade dos espaços urbanos. A vista aérea, a planta e os conceitos rígidos como centro-periferia, cidade-campo, interior-exterior, não são suficientes para representar o dinamismo dos fenómenos de produção e os sub(-e)stratos que constroem a identidade do território, sejam estes arquitectónicos, culturais, sociais, económicos e históricos.

Alois Riegl (1858-1905), historiador e conservador de arte vienense, contemporâneo de Patrick Geddes e

portanto aparentemente aqui evocado fora de âmbito e sequência, publica em 1903 “Der moderne Denkmalkultus”², proposta de desdobramento do conceito de monumento segundo uma matriz complexa de valores de memória e de contemporaneidade: o primeiro duplamente desdobrado em monumentos intencionais e não intencionais ou históricos, e em de antiguidade e de historicidade, e o segundo em de uso e em artístico de novidade e relativo. Apesar de este contributo para a construção da noção de património ter já mais de século, a sua própria formulação operativa –na ponderação variável de tais valores em cada circunstância específica–

oferece não só uma perspectiva actual teórico-prática no que à intervenção patrimonial diz respeito como, implicando as manifestações de espaço, tempo e cultura em artefactos, edifícios e paisagens patrimoniais, converge, em Caldas do Moledo, para a concretização das visões oblíquas enunciadas por Corboz e Boeri.

Assim, propomos a integração destas três perspectivas –longitudinal, transversal e oblíqua– como exemplificação de um método de análise que permita compreender as dinâmicas e os nexos que determinam as características de cada lugar (Figura3).

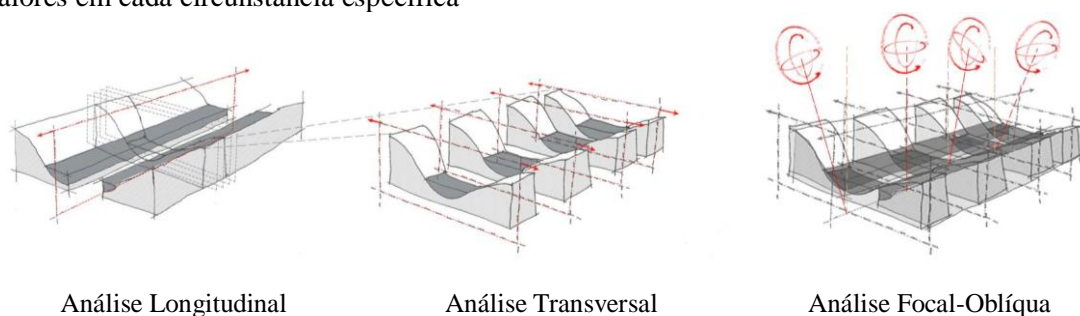


Figura 3. Esquema das secções longitudinal e transversal ; e a análise focal, que absorve as relações observadas das secções anteriores, deixa de ser linear e passa a oblíqua — inspirado nas cross-sections de Damien Hirst (fonte: elaborado pelos autores).

Retomando, simultaneamente, os procedimentos metodológicos de análise territorial de Patrick Geddes e Peter Hall, mas também as imagens palimpsésticas e oblíquas de André Corboz e Stefano Boeri –bem como a ‘matéria dos golpes de tempo’ que tomamos de Aloïs Riegl–, este artigo comporta uma abordagem em três escalas: a regional ou longitudinal, no sentido mais abrangente de todo o vale do rio Douro; a local ou transversal, focada neste caso em Caldas do Moledo, permitindo melhor compreender os lugares na sua morfologia orográfica, produtiva, urbana e arquitectónica, integrando em profundidade ambas as vertentes do vale; e, por último, a oblíqua ou caleidoscópica, onde as quatro dimensões se desdobram em perspectivas para a valorização deste lugar.

As Secções do Vale do Douro

Nos três momentos seguintes procurar-se-á traçar [i] uma breve síntese da proposta ‘original’ de cada autor, enquadrada se necessário no contexto coevo, e

especificando o vínculo argumentativo que estabelecemos; isto no sentido de [ii] explorar como se concretiza-observa-demonstra no caso em estudo, do vale do Douro aos cortes sistemáticos e ecléticos no lugar de Caldas do Moledo; e [iii] como (re)formulamos uma matriz que, ao invés de se impor, exporá as especificidades e ordens intrínsecas e potenciais de cada sítio-lugar, ou como procuramos contribuir para a construção de uma estratégia de interpretação-intervenção multidimensional.

Patrick Geddes e a secção longitudinal do vale, da nascente à foz, da região à cidade

A *Secção do Vale* de Patrick Geddes consiste numa secção longitudinal que segue um rio desde a sua origem nas montanhas até à foz e encontra-se temporalmente enquadrada no processo de industrialização. Trata-se de um modelo complexo que combina características físicas –geologia, geomorfologia e as suas associações biológicas– evidenciando as

ocupações e actividades primárias exercidas sobre o território e os assentamentos humanos que se originaram a partir delas.

Geddes ilustrou a secção baseando-se nas paisagens de Edimburgo, resultando numa representação generalizada e diagramática de vários vales e seus habitantes primevos – mineiro, lenhador, caçador, pastor, agricultor pobre, agricultor rico e pescador. Esta representação do território, com base no pressuposto de uma observação-intervenção, torna claro que, por exemplo, o clima e a vegetação são determinantes na estruturação e construção humana dos lugares e das paisagens, tanto quanto esta condiciona e impõe uma reorganização de todo o sistema ‘natural’.

A secção longitudinal tornou-se referência essencial para compreender a mudança de discurso que o rio Douro vai apresentando à medida que vamos avançando ao longo do vale (Figura4). Apesar de Geddes analisar o percurso do rio da nascente para a foz, hoje parece lógico inverter o sentido e, contracorrente, reconhecer as transformações que suportam os lugares urbanos, da foz à nascente e às montanhas. Esta decisão parte do reconhecimento de que *foi necessário todo o Douro para construir o Porto*, núcleo polarizador, distribuidor de infraestruturas e redes de comunicação que interliga as restantes regiões. Desta forma, as paisagens mudam na medida da acção do homem sobre a geomorfologia, a distribuição da população e a posição dos assentamentos alteram-se, e as infra-estruturas tornam-se mais ou menos presentes. Para uma melhor compreensão das multiplicidades territoriais e das dinâmicas criadas, a *Secção do Douro* desenhou-se a partir da análise da sequência das várias paisagens do seu vale (Cancela d’Abreu *et al.* 2004).

Iniciamos o percurso no Baixo Douro (Figura4a), correspondendo ao troço mais ocidental do rio e o mais densamente

construído, com as suas paisagens pautadas pela interessante sobreposição sobre o vale das manchas urbanas do Porto e de Gaia. Marcada pela proximidade com o oceano, pelas pontes, pela frente ribeirinha, pelo coroar da Serra do Pilar e do Paço Episcopal, o rio une as duas faces do núcleo central da Área Metropolitana do Porto numa paisagem com um carácter singular. Distancia-se bastante das paisagens que caracterizam o objecto de estudo, Caldas do Moledo e, por isso, sem ignorar as suas qualidades como paisagem do Douro, a sua análise não será tão consequente.

À presença do edificado e densa ocupação urbana, chegando a Entre-os-Rios e ao Tâmega, segue-se a densidade da paisagem arbórea: chegamos ao Riba-Douro, o tramo mais verde e azul de todos, graças às fortes influências atlânticas e à proximidade com o oceano (Figura4b). O vale e o rio ganham destaque na paisagem, com as suas encostas íngremes, apesar da ainda significativa densidade populacional e povoamento disperso. A prática da agricultura é intensificada e diversificada –milho, pastagens, vinha, pomares... A rede viária é densa, ligando as parcelas agrícolas e as habitações, mas dissolve-se nos socalcos, não se destacando na observação do conjunto. Sobressai a água mas sobretudo os cambiantes de verde. A actividade humana é intensa, a ocupação acontece na parte inferior das encostas, dando lugar aos pinhais, matas e pastagens na parte superior.

Em Barqueiros, com Barrô na margem sul, entramos na região mais representativa das paisagens do Douro, marcada pela presença da cultura da vinha e do vinho. Será dado maior destaque às qualidades desta paisagem pois aqui se localiza Caldas do Moledo, na entrada do Douro Vinhateiro³ (Figura4c), a faixa contínua mais representativa e preservada da Região Demarcada do Douro⁴.

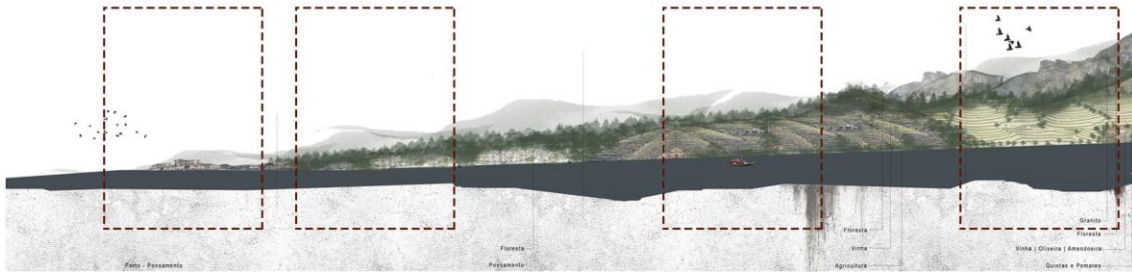


Figura 4. Secção longitudinal do rio Douro. “Por isso, aqui [Douro Vinhateiro], o nome do Douro transbordou da água para as margens. O Douro deixa então de ser apenas Rio. Torna-se também uma região.” (Daveau, Mattoso 2013, 190) (fonte: elaborado pelos autores)



Figura 4a. Baixo-Douro

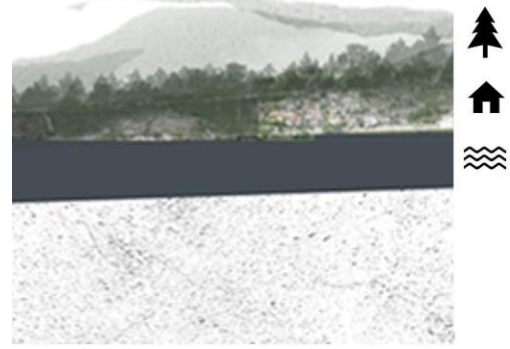


Figura 4b. Riba-Douro



Figura 4c. Douro Vinhateiro

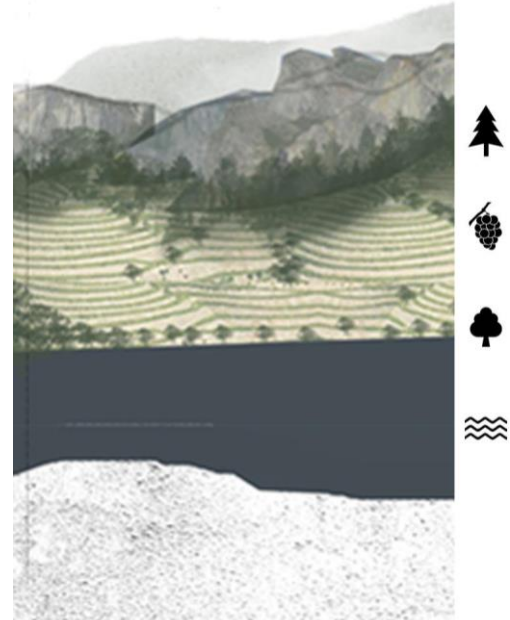


Figura 4d. Alto Douro

Apesar do evidente predomínio da vinha, é possível localizar, nas margens dos rios afluentes, outro tipo de culturas, tais como a oliveira, a amendoeira e ainda alguma horticultura. São, no entanto, quase imperceptíveis na paisagem face à forte presença da cultura vitivinícola. O alto dos vales dá lugar aos matos e a alguns povoamentos florestais, já que as altitudes a partir dos 700m não são propícias para a produção de vinho. Os socacos de xisto, extraídos da própria encosta, imperam e redesenham a paisagem, outrora dominada pelo mato; uma observação atenta às suas particularidades revela uma diversidade e complexidade de soluções estreitamente ligadas à geografia local que se adaptam às diferenças morfológicas do terreno.

O rio, por vezes violento ou sinal de doença, afastou as populações das suas margens para cotas mais elevadas do vale. Assim, as populações durienses aglomeram-se em assentamentos de maior ou menor dimensão, procurando colectivamente vencer as dificuldades impostas pela natureza. Estes lugares são, por norma, compostos por um conjunto de pequenas construções e apresentam uma tendência para o desenvolvimento tanto linear como circular a meia encosta (Moutinho 1979, 42), respondendo às sugestões da própria topografia.

O Douro Vinhateiro é feito de estruturas e construções devedoras de uma tradição construtiva vernácula, transformações que se tornaram elas mesmas paisagem duriense. O desenho do território vinhateiro decorre de um desígnio funcional que pretende dar resposta aos problemas anunciados na paisagem e nas práticas da vinha, seja no domínio dos declives acentuados ou nas estruturas de produção e armazenamento do vinho. Nas soluções encontradas os valores estéticos são uma consequência, reconhecimento *a posteriori* da beleza de uma paisagem construída com naturalidade, constituindo-se como forma de património vernáculo integrado. Assim, a arquitectura duriense inscreve-se no território, desde os gestos mais silenciosos, como o muro e o socaco, às quintas e solares, proprietárias das vinhas, às igrejas

e capelas mais modestas, à entrada dos assentamentos ou destacadas entre as habitações ou, até mesmo, às pequenas construções de apoio; é a arquitectura da monocultura. Contudo, verifica-se que intervenções mais recentes têm, por vezes, desvirtuado esta qualidade unificadora que dá carácter e identidade ao território e, precisamente por isto, foi classificada pela Unesco como Património da Humanidade.

Por fim, o Alto Douro (Figura4d). As escarpas graníticas ganham o seu máximo destaque, acentuando ainda mais a grandeza do vale face ao rio. A alteração geológica do território provoca também uma mudança de culturas. A vinha perde a sua notoriedade face à oliveira e à amendoeira. Os socacos estão agora organizados por níveis, junto às margens do rio com hortas e laranjais, na parte inferior das encostas as vinhas e, por fim, os olivais e amendoais. Tal como no Douro Vinhateiro o povoamento é concentrado, pontuando a paisagem ao longo do vale. Apesar da perda de importância da vinha e, por consequência, da monocultura, o Alto Douro é também muito rico em termos histórico-culturais, integrando no seu território o Parque Arqueológico do Vale do Coa⁵.

Esta visão longitudinal mais lata do território, transpondo para o rio Douro a leitura de Patrick Geddes, permitiu observar o equilíbrio estabelecido entre recursos neste (eco)sistema. É ainda objectivo demonstrar a sua operatividade enquanto parte de um método de investigação, relevando simultaneamente as constantes sistémicas, as suas variações, bem como a complementaridade das singularidades de cada lugar, na elaboração de estratégias de intervenção capazes de responder à pluralidade, variação e diversidade de territórios e paisagens.

As 'cross-sections' de Peter Hall, rios afluentes e outras transversalidades locais-urbanas

Operacionalizada a *Secção do Vale* de Patrick Geddes, é agora desenvolvida a interpretação do princípio das *cross-*

sections de Peter Hall, igualmente na sua implementação em Caldas do Moledo.

Reinterpretando a representação de Geddes, com certa simplificação pictórica e expondo a sua longitudinalidade, *das montanhas ao mar* (Figura 2), Hall considera imprescindível efectuar várias *seccções que lhe sejam transversais, variáveis em escala e proporção consoante as características de cada lugar* e problema (Hall [1988], 142)⁶. Estas múltiplas secções permitem desdobrar a complexidade de um lugar específico, revelando outras dinâmicas que a uma escala mais alargada não são compreensíveis.

Para este princípio de uma aproximação multi-escalar dissecando exaustivamente e em vários sentidos, proposto por Hall em 1988, terá certamente contribuído a visão-síntese de Charles e Ray Eames de 1968-1977, em *Powers of Ten*: curtas-metragens onde é explorada a relatividade da escala do Universo com base em factores de 10, desde a escala humana e quotidiana ao infinitamente grande e ao infinitamente pequeno, no mesmo lugar⁷. Esta relatividade é transponível para o campo da arquitectura e do urbanismo, no sentido em que todos os elementos, construídos ou manifestantes da acção do homem, integram simultaneamente múltiplos sistemas a diversas escalas, interligados ou sobrepostos, que se observam e compreendem não apenas na variação do enquadramento e da escala mas também na abrangência dos temas e estratégias da representação.

Será portanto nesta escala das secções transversais que a dimensão sistémica da secção longitudinal se desdobra, permitindo clarificar a expressão concreta das formas, ou como transversalmente aderem e se materializam, em dado lugar, os princípios encadeados longitudinalmente (Figura 3).

Estas secções transversais podem ainda e na verdade revestir-se de um sentido longitudinal, caso correspondam às secções ao longo dos vales dos rios afluentes, o que no caso particular do Douro corresponderá a um desdobramento pertinente, dadas as variações geomorfológicas e paisagísticas da sua bacia hidrográfica. Contudo e neste momento, avançamos para a dimensão inequivocamente transversal da secção, perpendicular ao vale onde corre o Douro, e explorando substancialmente a unidade das duas margens em Caldas do Moledo (Figura 5-9) – aqui como em qualquer outro lugar.

Também na leitura da secção transversal, tal como Geddes defende a partir da longitudinal, e no sentido de uma análise mais coerente do território e da paisagem, as demarcações administrativas não deverão ser consideradas sempre que comprometam a compreensão dos fenómenos e relações de continuidade na unidade determinada pelo vale do Douro – do leito do rio às suas margens e festos das encostas. Desta forma, apesar de Caldas do Moledo abrir sobre a

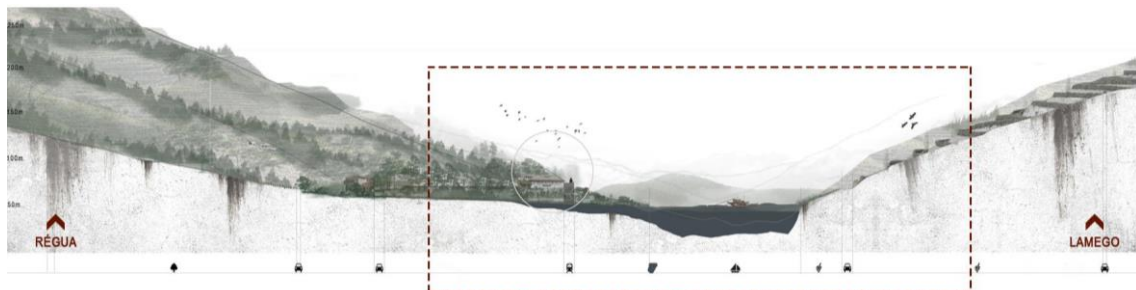


Figura 5. Corte 1 (fonte: elaborado pelos autores).

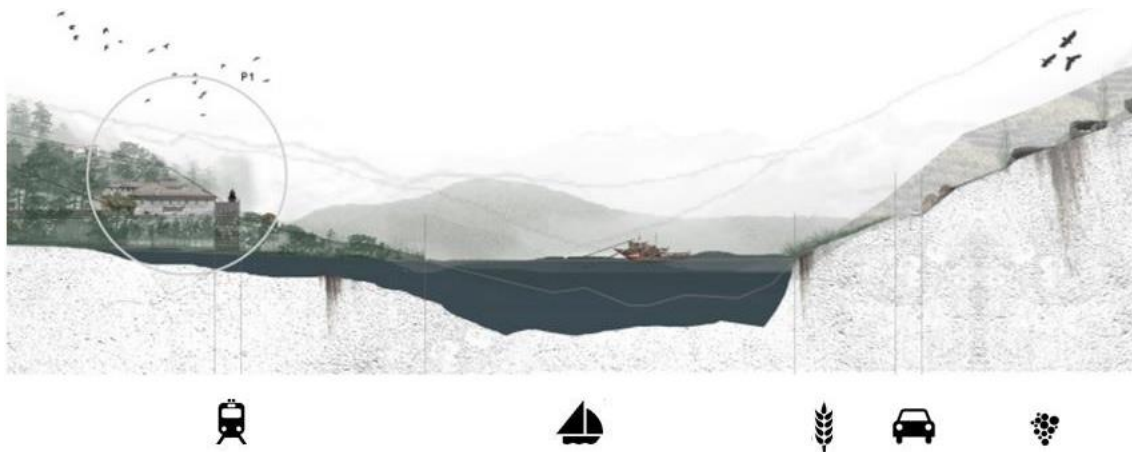


Figura 5a. Pormenor do corte 1: vista para a Quinta do Granjão e Linha do Douro (fonte: elaborado pelos autores).

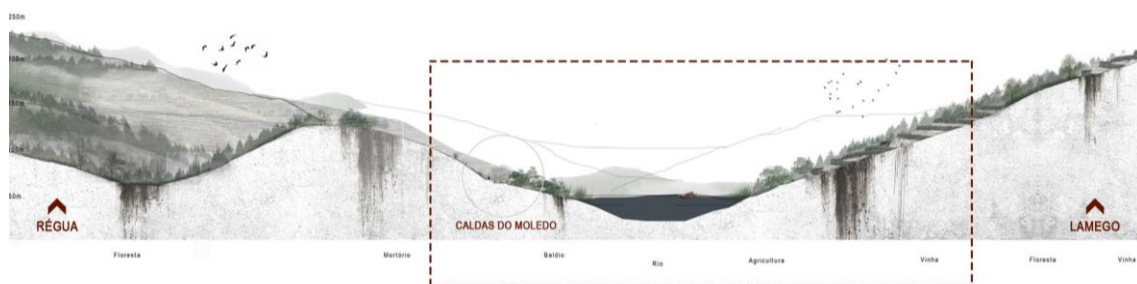


Figura 6. Corte 2 (fonte: elaborado pelos autores).

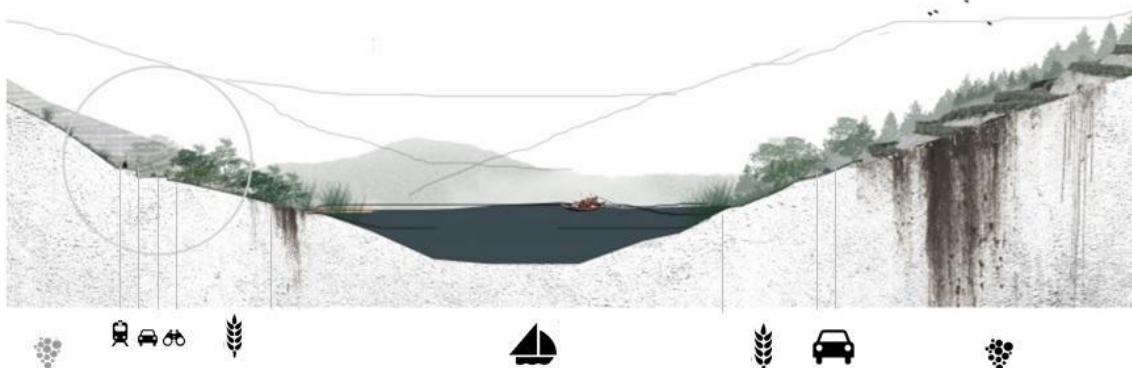


Figura 6a. Pormenor do corte 2: introdução do mortório e do miradouro (fonte: elaborado pelos autores).

margem sul, distrito de Viseu, localizando-se na margem norte, distrito de Vila Real, observa-se uma continuidade de nexos que, apesar de apresentarem certas semelhanças, não podem ser vistos simplesmente como um reflexo; apresentam características análogas e, ao mesmo tempo, certas variações que permitem compreender a diversidade dos sistemas e redes que atravessam transversalmente as duas margens. Outro desacerto, entre a unidade paisagística a partir de um lugar e as entidades imateriais que lhe são apostas e a

condicionam, observa-se no facto de Caldas do Moledo pertencer, a poente, ao concelho de Mesão Frio, enquanto a metade nascente subordina-se ao de Peso da Régua.

Fortemente ligada às duas margens do Douro, Caldas, enquanto ‘fonte termal ou termas’, e do Moledo, ‘pedra grande ou pedregulho’, é expressão literal e metafórica da união de dois lugares: Moledo, de Lamego, na margem sul do rio, e Caldas, de Peso da Régua, na margem norte. Esta união entre margens ocorre

quando o Moledo, a partir do século XII, ganha importância na região do Douro enquanto ponto de passagem⁸ obrigatório para quem transitasse entre a Beira e o Norte –através da ligação entre as duas margens por uma barca de passagem gratuita instituída por D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, e denominada como Barca de Deus ou Barca por Deus (Machado 1973, 9). Se D. Mafalda teve um papel fundamental para a importância de Caldas e do Moledo, é contudo e cerca de sete séculos mais tarde, com D. Antónia Adelaide Ferreira, a ‘Ferreirinha’, que Caldas do Moledo se formaliza e são exploradas as potencialidades ‘turísticas’ deste lugar termal⁹.

Se é o termalismo que confere singularidade a este lugar o discurso através de *cross-sections* a partir de Caldas do Moledo pretende sobretudo reconhecer e colocar em confronto temas e sistemas recorrentes em todo o território do Douro, de modo a testar e comunicar as potencialidades de um método de investigação em que o desenho se constitui simultaneamente como instrumento, processo e estratégia.

A estância termal, na margem norte, localiza-se no centro deste tramo do rio, tomando a direcção sudeste-noroeste, perfeitamente demarcado por duas curvas, entre as tantas que caracterizam a modelação topográfica e paisagística do Douro. Ambas constituem-se como ‘portas do lugar’, no modo como determinam as entradas em Caldas do Moledo: uma recebendo o talvegue do rio Sermanha, a noroeste e outrora ligando ao Moledo a sul; a outra em festo, a sudeste, distinguindo esta bacia paisagística da de Peso da Régua; na margem sul, a grande elevação de Penajóia rege este triângulo.

Assim, a localização das secções elaboradas procura compreender os momentos naturais de chegada ao lugar de Caldas do Moledo, seja a partir do Porto (Figuras 5-6) seja da Régua (Figuras 7-8), progredindo para o centro do problema, reconhecendo quer as variações morfológica e produtiva ocorridas em profundidade, quer a constância dos elementos construídos e de desenvolvimento longitudinal.

Na paisagem do Alto Douro Vinhateiro, já referido, fortemente marcada pela plantação da vinha, observa-se a existência de outras culturas: a horticultura nas cotas mais baixas, mas também outras espécies arbóreas como o carvalho e o pinheiro nas cotas mais altas. Apesar desta zona se encontrar já sob influência directa da Serra do Marão e estar mais protegida das acções atlânticas, apresenta contudo um clima ameno e chuvoso, se comparada com o Alto Douro, sendo assim propícia para a plantação tanto da vinha como de espécies autóctones adaptadas a este micro-clima.

A esta escala torna-se evidente a forte presença das estruturas de comunicação territorial: primeiramente a omnipresença do rio, seguido pelo caminho-de-ferro da Linha do Douro¹⁰ e pelas estradas nacionais, das quais se destacam a que a norte acompanha a margem direita e atravessa o lugar de Caldas do Moledo, e a que na margem oposta acompanha o rio por sul; ainda, a rede dos vários caminhos secundários que permitem ligar as cotas mais altas do vale às mais baixas do mesmo (Figuras 5-9). Aliadas a estas vias, outras construções acabam por surgir como elementos identitários na paisagem, nomeadamente a ponte férreas Figura 5a) e o miradouro (Figura 6a-8a)¹¹.

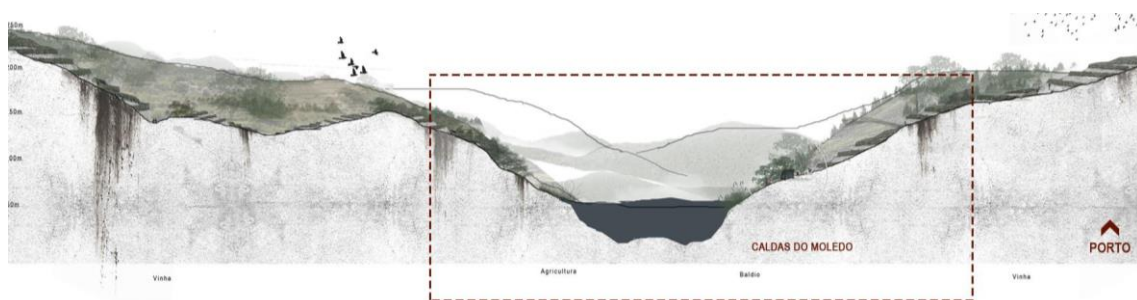


Figura 7. Corte 3. (fonte: elaborado pelos autores).

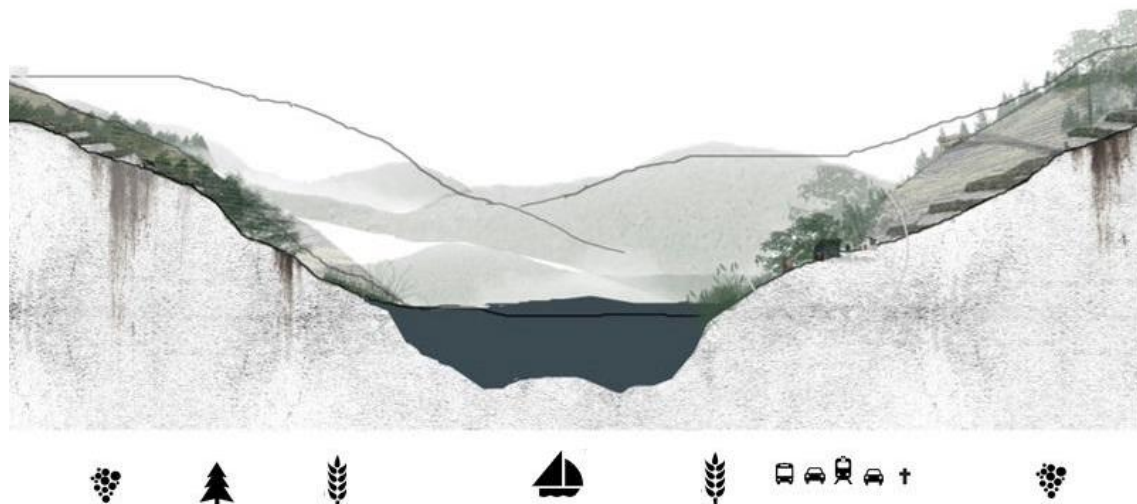


Figura 7a. Pormenor corte 3: diversificação do sistema viário e a capela (fonte: elaborado pelos autores).

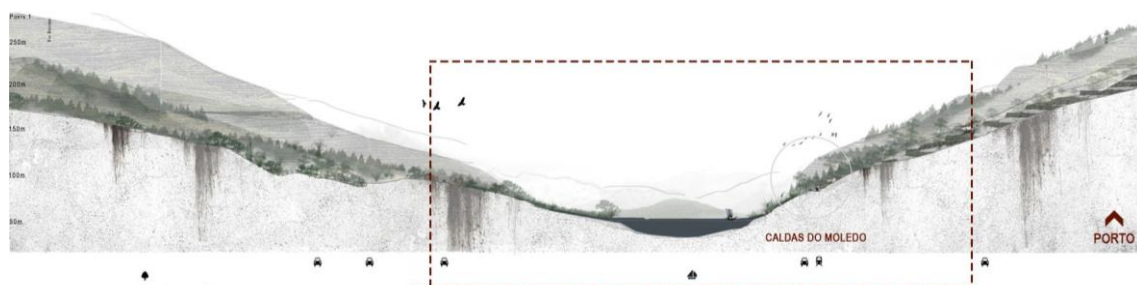


Figura 8. Corte 4. (fonte: elaborado pelos autores).

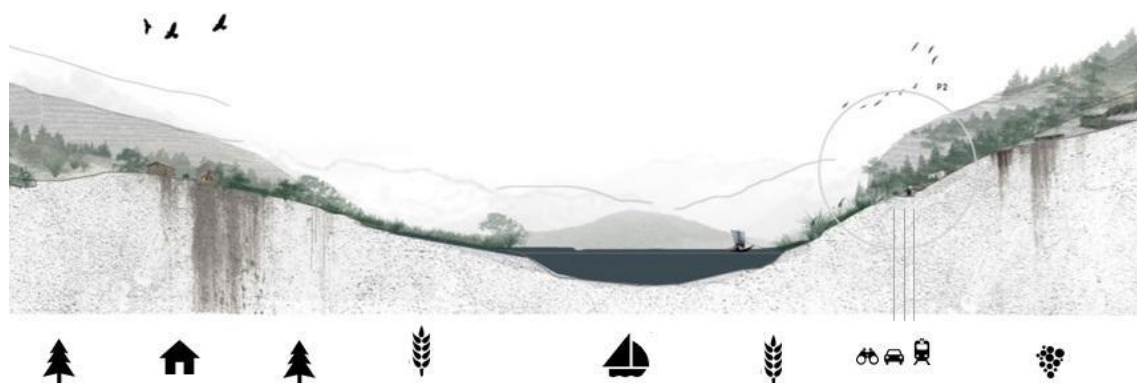


Figura 8a. Pormenor corte 4: a presença do aglomerado já mais afastado das margens (fonte: elaborado pelos autores).

Além da estância turístico-termal do final de Oitocentos, outras construções singularizam também a paisagem, como seja a Quinta do Granjão (Figura 5a), importante na produção vitivinícola, apresentando uma dimensão caracterizadora da região e remetendo para uma memória colectiva que tem a capacidade de compreender todos os nexos e relações daquilo que o Douro é de raiz.

Importa compreender que Caldas do Moledo é um exemplo entre muitos outros que integram as paisagens arquitectónicas do Douro. Enquanto laboratório de ensaio metodológico, é certo que as observações que dele decorrem, na sua formulação mais tangível, não serão exactamente as mesmas em outros lugares deste território; contudo, e precisamente o que se procura com esta matriz tanto sistemática quanto ajustável, relevar-se-ão tanto as suas constantes quanto as singularidades. Pretende-se assim demonstrar a capacidade de análise e interpretação particularizada de um lugar promovida pelas secções transversais, sistemicamente integradas na sua pertença à unidade da secção longitudinal, propondo um método de investigação integrador das qualidades arquitectónicas e urbanas, mas também culturais, sociais e económicas. Neste sentido, a abordagem extravasa os limites convencionados pelas entidades, antes preferindo observar-compreender as realidades durienses através de secções espaciais que transcendem, por exemplo, as fronteiras administrativas: a longitudinal, de uma complexidade territorial mais ampla; e as transversais enquanto objecto-sensor, que tanto captam as características presentes na primeira como acrescentam novas, desdobramentos específicos em cada lugar. Trata-se de construir um método de investigação que, procurando ultrapassar instrumentos de observação e análise mais convencionais, apresenta uma narrativa visual informada no Douro e em Caldas do Moledo. Esta interpretação pretende capturar uma imagem do território que, embora o simplifique reduzindo-o a uma representação compreensível, é composta a várias dimensões, permitindo múltiplas leituras e explorando a condição de um ‘estar em lento mas constante movimento’.

De André Corboz a Stefano Boeri: um olhar oblíquo, caleidoscópio de tempos, acções, transformações e sujeitos –com Alois Riegl no retrovisor...

O discurso construído até ao momento, baseado em secções verticais, é de certa forma intrínseco às dimensões da arquitectura e do território e, apesar da bidimensionalidade do desenho, constrói-se na tridimensionalidade da sua real morfologia. No entanto, a realidade de um território é construída ao longo do tempo e em constante metamorfose. Esta quarta dimensão, sempre explorada no campo da pintura e em particular pelo Cubismo, tem relação decisiva na arquitectura e no urbanismo e, de entre diversos autores que a problematizam, destacamos Corboz e Boeri.

“André Corboz, dissertando sobre a “entidade física e mental que constitui o território”, declara que este “não é um dado mas o resultado de vários processos” que o transformam de acordo com a sua própria lógica, logo, “é objecto de uma construção”. A enunciação de uma perspectiva criadora e evolutiva subentende que o território “constitui igualmente um produto” e, portanto, pressupõe o contínuo aperfeiçoamento dos resultados e, por essa razão, “é um projecto”.” (Calix 2013, 137)

Stefano Boeri, considerando que o fenómeno do território não deve ser visto como uma soma de várias partes mas antes como um processo evolutivo que se (des)dobra em espaço e tempo, reposiciona –como já afirmado por Geddes– a incapacidade do desenho bidimensional responder à quarta dimensão, face à complexidade dos espaços urbanos. “They produce provisional and inconsequential maps in which the territory is not represented as a continuous mineral substrate or as a layering of stable “states of things”, but as the interweaving of sinuous and multiple configurations which are reversible and which never share the same time-frame.” (Boeri 1998, 105) A abordagem proposta por Boeri aproximar-se-á de uma visão caleidoscópica e de imagens ecléticas, uma metáfora que procura representar um lugar formado por uma sociedade organizada através de

microcosmos introvertidos e incomunicantes (Boeri 1998, 113).

A relevância desta leitura, tanto telúrica quanto oblíqua, na tentativa de compreender o território captando a sua quinta dimensão –observando simultaneamente, através de diferentes sujeitos e em diversas ‘frequências’, memórias, instantâneos e aspirações–, apresenta-se contudo aparentemente intangível na tentativa de uma representação através dos instrumentos da arquitectura. Tanto Corboz, propondo o território como produto advindo de diferentes processos em constante metamorfose, traduzidos numa determinada forma a um dado momento, como Boeri, na perspectiva dinâmica e eclética do caleidoscópio, compreendem a necessidade

operativa da arquitectura lidar com vários processos e formas que não partilham o mesmo enquadramento temporal.

Será a esta dificuldade, presente no campo da arquitectura e do urbanismo, que a elaboração do conceito de património, e a inerente consciência em torno de uma acção transformadora, tem procurado abrir caminhos. Património pressupõe um bem, ou conjunto de bens com um reconhecido interesse cultural, histórico, ambiental, social, arquitectónico, ..., de uma determinada comunidade, região, país ou até mesma da humanidade. Evoca, simbólica e materialmente, a memória e a identidade de um dado território, e advém do valor reconhecido à acção colectiva diacrónica por via de um sentimento de pertença transtemporal (Figura 10).

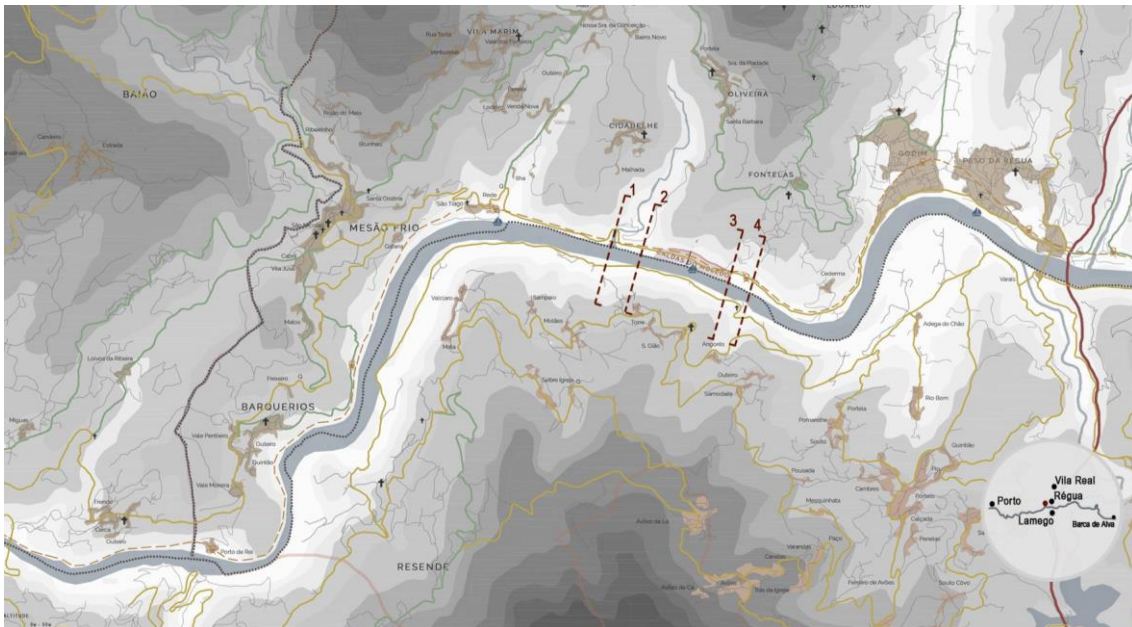


Figura 9. Caldas do Moledo e a sua envolvente: secções das ‘portas do lugar’ (fonte: elaborado pelos autores).



Figura 10. Três tempos, três vias: o rio, a linha-férrea e a estrada. Fonte: 1, Arquivo Histórico do Porto. 2, cedida por Heitor Gama. 3 (fonte: elaborado pelos autores).



Figura 11. Alçado actual de Caldas do Moledo. “Há ruínas poéticas, amáveis, saudosas... Nessas ruínas, não se deve tocar. A hera que as ampare, cheias de caridade, enquanto o mundo for mundo. Podem refrigerar almas secas ou consolar almas tristes. Deixem-nas estar. Outras ruínas há, que nem sequer merecem o nome de ruínas. São falsas como as rugas como que se pintam o actor ainda fresco para fingir de velho. São esqueléticas como o cariz de quem não sa sabão. Sem poesia nenhuma, são apenas sinais de desmazelo.”(fonte: Correia 2017 [1974], 77)

Com a imagem de seguirmos ‘com Aloïs Riegl no retrovisor’ procuramos traduzir a ideia de que o caminho adiante far-se-á tão mais em continuidade e sem –grandes– sobressaltos quanto mais nos posicionarmos regularmente em relação ao passado. De entre vários autores que tematizaram e problematizaram a intervenção no legado material simbólico, seja paisagístico, arquitectónico ou relativo aos artefactos do quotidiano –princiando por Ruskin e Viollet-le-Duc–, consideramos que a proposta mediadora de Aloïs Riegl mantém uma condição reflexiva e hierarquizadora essencial para intervir em lugares como Caldas do Moledo, nomeadamente na compreensão de valores patrimoniais construídos e identitários da memória colectiva.¹²

Apresentando-se como uma matriz aferidora da condição –e do conceito– de monumento segundo uma tríade de valores em tensão –memória-contemporaneidade, antiguidade-historicidade-novidade, uso-artisticidade–¹³, este conjunto de reflexões contribui para um posicionamento crítico na construção de uma estratégia de intervenção.

Decorrente das distintas formas de concepção, percepção e recepção do monumento em cada momento histórico, bem como dos meios possíveis para a sua preservação, Riegl categoriza primeiramente os valores em de memória e de contemporaneidade. Inserido no primeiro grupo, o monumento no seu

sentido original relaciona-se com a manutenção consciente da memória colectiva de um grupo, cingindo-se assim aos monumentos intencionais (Riegl [1903], 31). No entanto, na visão moderna e contemporânea, o termo monumento refere-se também aos monumentos históricos¹⁴, ou seja, não intencionais, onde a sua vontade original não confere a categoria de monumento mas “somos nós, sujeitos modernos, que a atribuímos” (Riegl [1903], 29). Esta dupla distinção procura traduzir as diferentes expectativas relativas a um determinado monumento, dividindo-se aqui o seu valor entre de antiguidade e histórico¹⁵. Para Riegl, o valor de antiguidade poderá traduzir-se na ideia de ruína¹⁶ enquanto manifestação do ciclo natural e da passagem do tempo, a que inevitavelmente se sujeita toda a obra humana. No sentido do anteriormente proposto por Ruskin, a não-intervenção na ruína permitirá a continuidade e revisita da memória colectiva, sendo que esta posição passiva não significa abandono ou destruição do monumento, antes e apenas protecção de acções humanas e naturais que possam contribuir para uma extinção acelerada do mesmo (Riegl [1903], 67-68).

Em Caldas do Moledo, monumento não intencionado detendo um valor histórico, a condição de ruína não traduz memória tranquila de uma época anterior, antes decorrendo do progressivo abandono da edificação. Não são ruínas no sentido poético, mas sim construções devolutas em avançado estado de degradação (Figura 11).

Assim, considerando que neste caso a manutenção da ruína não constitui hipótese de intervenção, os valores de contemporaneidade de Riegl –de uso e artísticos– apresentam plena pertinência para a compreensão dos valores patrimoniais em causa, e em particular no edificado colectivo¹⁷, concorrendo para a definição de uma estratégia de intervenção.

O valor de uso consiste na necessidade e possibilidade de adaptação dos monumentos a novos usos, numa metamorfose atributiva de sustentabilidade e continuidade ao longo dos tempos. Este processo secundarizará o valor de antiguidade fazendo prevalecer o histórico, tendo sempre em conta a habitabilidade contemporânea dos espaços. O valor artístico divide-se em valor de novidade e valor artístico relativo: o primeiro pode ser visto como o oposto do valor de antiguidade (Riegl [1903], 80), onde a valorização do monumento está na sua qualidade de unidade acabada; já o artístico relativo, será o mais próximo das ideias contemporâneas, pela subjectivização da sua feição estética face ao momento presente.

Neste sentido, mesmo considerando a inerência de todo o edificado de Caldas do Moledo a um lugar termal, observa-se uma grande variação em termos de valor patrimonial, conduzindo assim, na instância estratégica aqui em exposição, a uma categorização provisória da intensidade interventiva: edifícios a reabilitar, a requalificar e a reconstruir.

No que respeita aos edifícios mais representativos da época termal, ainda preservados na sua conformação inicial, e mesmo considerando novos usos programáticos, a estratégia passará pela reabilitação, se não mesmo restauro: ao Balneário da Estrada, Palacete, Petit Hotel e Grande Hotel caberá, na escala de valores presentes em Caldas do Moledo e mesmo na sua não intencionalidade, a função de memória do lugar. Em segundo grupo inserem-se os edifícios que sofreram alterações ao longo do tempo, mas que mantêm características arquitectónicas originais e identitárias da arquitectura da região: nos Balneários da Lameira, com o piso térreo original, a intervenção passará pela requalificação do piso superior e das áreas adjacentes; nos restantes edifícios,

como a antiga Hospedaria e Igreja do Cidro, o Hotel Vilhena e o Hotel Gomes, devido ao avançado estado de degradação, será necessário uma análise mais cuidada, ponderando o seu valor artístico relativo, enquanto contributo para o valor histórico do lugar, com a necessária unidade possibilitada pelo valor artístico de novidade da intervenção. Por fim, no último grupo encontram-se os edifícios que, seja pela debilidade dos valores artísticos, seja pelas grandes modificações entretanto sofridas, subvertem o potencial equilíbrio entre valores de memória e de contemporaneidade presentes em Caldas do Moledo; nomeadamente, as Piscinas do Rio, construídas em 1982, a uma cota mais alta face à das anteriormente existentes, não apresentam, assim consideramos, quaisquer valores de contemporaneidade –sejam de uso ou artísticos, tanto de novidade como relativo–, a que se soma a falta de reconhecimento enquanto memória colectiva por parte da população; assim, coloca-se a opção de demolir a estrutura actual, construindo um novo complexo que melhor responda às características do lugar, procurando valores artístico-formais mais coerentes com toda a envolvente –inclusive revendo certas qualidades da construção primitiva, de 1894, do engenheiro Terra Viana.

Caldas do Moledo: caleidoscópio de visões presentes de futuro para o *pórtico esquecido da Régua*

A discussão sobre os modos de olhar, compreender e intervir na arquitectura do território tem estado presente ao longo dos tempos a partir de diversos autores, alguns dos quais aqui relevados: Patrick Geddes, Peter Hall, André Corboz, Stefano Boeri e, em salto temporal, Aloïs Riegl. Apresentando leituras diversas que fazemos convergir no Douro e em Caldas do Moledo, procura-se contribuir para a exploração de um método de análise que atenda tanto às qualidades físicas e formais como culturais, económicas e de ‘deslocação’, tanto material como temporal. Desta forma, considera-se que os modos de investigação, e sobretudo aqueles que estabelecem ‘olhares’ operativos sobre a realidade contemporânea, recorrerão a instrumentos que permitam compreender e integrar simultaneamente múltiplas escalas, tempos e problemas coexistentes. O recurso

a perspectivas diversas –temporal, espacial e disciplinarmente oblíquas e ecléticas–, afastando-se de enquadramentos mais estanques, abrirá caminhos de acção mais conscientes e ajustados face à complexidade de relações, antigas e novas, mais perenes ou assumidamente não-permanentes, que constroem o território em ‘contemporaneidades sobrepostas’.

No Douro e em Caldas do Moledo exploramos portanto um método de investigação, fundamento de acção transformadora numa *paisagem cultural evolutiva e viva* (Bianchi-de-Aguiar *et al.*, 2000). Esta qualificação, atribuída pela Unesco a um território patrimonial dos mais representativos e preservados da região do Douro, reconhece assim uma condição de constante mudança, aliás transversal a todos os territórios e paisagens, encontrando-se as suas formas em constante evolução e metamorfose. Identificar a complexidade de problemas e valores intrínsecos a uma dada região-lugar contribuirá para a construção de uma estratégia multidimensional melhor ajustada aos problemas que hoje enfrentamos. Neste sentido e no âmbito da dissertação de MIArq¹⁸, procurando estabelecer uma passagem consequente entre uma compreensão estratégica – histórica, contextual e instrumental– e o desenho de uma acção transformadora –

assim enraizada no tempo, na região e no lugar–, foi desenvolvida uma proposta de intervenção urbana e arquitectónica para Caldas do Moledo, procurando concretizar as potencialidades e dinâmicas latentes, projectando no futuro metamorfoses presentes de tempos esquecidos.

Se os contextos estão em permanente mudança e se transformam sistematicamente em função de factores, internos ou externos, incluindo a(s) forma(s) como reagimos à própria transformação, então é necessário elaborar para cada território uma representação tanto dinâmica quanto específica, possibilitada por uma matriz multidireccional –ou simultaneamente global-regional e local–, que releve e confira legibilidade à pertença simultânea de um lugar a ordens e escalas diversas. Assim, a construção de um método de investigação, com base na observação, interpretação e intervenção, pretende contribuir para a contínua evolução das formas de intervir no território, transcendendo o caso em estudo e abrangendo processos de compreensão que podem incidir sobre diversas, se não todas, as paisagens e territórios.

Notas

¹ A versão revisada deste artigo foi submetida originalmente até o prazo de 5 de setembro de 2018 aos organizadores do PNUM 2018 Porto. A finalização da seleção inicial dos artigos pela comissão organizadora do evento aconteceu em 30 de maio de 2019 e a seleção final pelos editores da RMU e comunicação aos autores aconteceu em 2 de dezembro de 2019. As versões finais foram enviadas até o dia 9 de fevereiro de 2020.

² O Culto Moderno dos Monumentos, no âmbito das suas funções na Comissão Central para a Arte e Monumentos Históricos austríacos.

³ Aqui principia o Alto Douro Vinhateiro, ADV, considerado como Património da Humanidade pela Unesco em 2011.

⁴ RDD, é a mais antiga demarcação do mundo, iniciada em 1756 e conhecida como a Demarcação Pombalina, devido ao papel impulsionador e visionário de Marquês de Pombal. Actualmente a RDD é constituída por três sub-regiões –Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior–, correspondendo a entidades

dentro de uma organização maior que permitiram um melhor entendimento da região no sentido de futuras intervenções mas, especialmente, na protecção do seu carácter como paisagem tanto independente como participante.

⁵ Sítios pré-históricos de Arte rupestre do vale do rio Côa e de Siega Verde, classificado como Património Mundial pela Unesco em 1998.

⁶ Peter Hall observa ainda a referência de Geddes à ineficácia dos mapas convencionais no planeamento, bem como alude à ideia de uma representação multidimensional patente no projecto de 1900, não concretizado, do grande globo de Élisée Reclus, tendo o sobrinho deste desenvolvido posteriormente com Patrick Geddes um projecto similar.

⁷ Vídeo [Powers of Ten](#).

⁸ Antes do século XII existiam dois pontos de passagem do rio Douro, sendo estes separados pelo rio Sermanha. A partir de Cidadelhe era possível descer até à Quinta do Barco ou, em

alternativa, iniciava-se o percurso em Nostim, seguindo por Portela e Oliveira até Caldas do Moledo. A travessia do rio era feita até ao porto fluvial de Penajóia, e daqui subia até Pousada, São Gião, Penajóia e Avões de Lá, interceptando neste ponto a estrada romana proveniente de Porto de Rei e com destino a Lamego.

⁹ Apesar da sua dedicação maior à vitivinicultura e criação dos vinhos ‘Ferreira’, é evidente a importância de D. Antónia no lugar de Caldas do Moledo. Após a compra da Quinta das Caldas em 1863, o perímetro inicial da propriedade é alargado com a aquisição de vários terrenos em volta, tendo sido várias as intervenções e construções nas Caldas do Moledo: o Palacete, o Petit Hotel, o Grande Hotel, o Parque Termal, remodelação dos balneários... Com o reconhecimento comprovado da qualidade das águas hidrotermais de Caldas do Moledo, tal como a crescente facilidade de meios de transportes, a frequência e o interesse aumentam sucessivamente, atingindo o expoente máximo nos últimos anos do século XIX e a primeira década do século XX. Caldas do Moledo, juntamente com as demais estâncias termais em Portugal, conseguiu ainda sobreviver e prosperar durante a Grande Guerra, período áureo e de ascendência do termalismo português.

¹⁰ A linha do Douro, e toda a infraestrutura férrea subjacente, obra de enorme importância para a região, constituiu uma alternativa ao rio Douro, numa época em que as infraestruturas viárias e o automóvel não eram acessíveis a todos. Veio permitir o transporte regular de pessoas e produtos agrícolas, especialmente o vinho, ligando o Alto Douro Transmontano ao Litoral. Apesar do encerramento do troço que ligava o Douro português ao espanhol, o actual percurso acompanha o rio Douro ao longo da sua extensão até ao Pocinho, com um total de 160km, oferecendo um corte pelas diferentes paisagens durienses –as encostas repletas de socacos e vinhedos, reflectidas no rio, e as quintas nas margens constituem uma paisagem única, enquanto o comboio segue o seu percurso desenhado pelas curvas do rio.

¹¹ É interessante observar como a religião no Douro, inicialmente ligada a crenças e lendas antigas, inspirada por elementos do imaginário de outros povos, e mais tarde propagada pelos monges cistercienses, influenciou o desenho e a construção da paisagem duriense. Por vezes visto como fonte de doença e presságio de morte, o Douro determinou a procura dos durienses pela protecção do sobrenatural: capelas e santuários foram construídos no alto dos montes –quanto mais alto mais perto dos deuses e da sua protecção divina–, de que são

exemplos lugares como São Leonardo de Galafura, São Salvador do Mundo ou São João de Arribas. Estabelece-se inclusive um paralelo entre o lugar de São Salvador do Mundo e a Serra do Pilar, fronteira ao Porto, inicialmente também dedicada ao Salvador, ambos afirmando a notabilidade da e na paisagem do Douro, demarcando o território da Ordem a que pertenciam (Oliveira 1998, 15-23). Além do sentido primeiro do miradouro a cotas altas, o seu pontilhado junto às margens do rio, acompanhando a consciência da paisagem e a secularização da sociedade e da cultura, oferece lugares de contemplação mais humana e quotidiana. Pelas relações de domínio do território e da paisagem, bem como pela sua intrínseca articulação com o sistema viário, o miradouro constitui uma das expressões do genótipo de praça geográfica (Pinto da Silva 2009, 342-346).

¹² Para um percurso pelos enunciados e propostas, bem como pelas interpretações críticas veja-se, entre outros, *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*, Antón Capitel 1988, *L’Allégorie du Patrimoine*, Françoise Choay 1992, e *Inscripciones*, Ignasi de Solà-Morales 2003.

¹³ Ressalve-se que esta formulação decorre de interpretação das autoras, como poderá ser constatado na exposição que se segue, na qual retomamos a estrutura proposta por Riegl.

¹⁴ “Não intencionais, por oposição aos anteriores, em geral pretendiam satisfazer apenas certas necessidades práticas ou ideais próprios, entre contemporâneos, eventualmente também pela geração seguinte, e sem qualquer intenção de que viessem a constituir testemunhos pelos séculos seguintes da vida e criação artística e cultural de uma época” (Riegl [1903], 28-29).

¹⁵ O valor histórico vem do reconhecimento de que um determinado monumento representa um estado particular e único no desenvolvimento de um domínio da criação humana e está relacionado com um período histórico específico. A diferença entre este e o intencional está no facto do seu reconhecimento ser realizado em épocas diferentes da história do monumento –uma no momento da criação, a outra na contemporaneidade.

¹⁶ Insere-se no valor de antiguidade; o primeiro contacto com a obra torna claro o seu aspecto não-moderno, e a sua percepção é feita não só pelas classes mais instruídas mas por todos os grupos sociais (Riegl [1903], 49).

¹⁷ Na dissertação em curso, a análise do edificado de Caldas do Moledo revela uma maior concentração de edifícios devolutos e em mau estado no complexo termal do aglomerado. Advindo da cessação das actividades colectivas,

nomeadamente os tratamentos termais, e consequentemente da hotelaria, e face às restantes construções de carácter privado e habitacional ainda activas, incluindo escassas situações de comércio de proximidade, a estratégia de intervenção assentará primeiramente na dimensão pública e colectiva, propondo intervir directamente no edificado habitacional apenas em situações pontuais em que se afigure relevante não só do ponto de vista urbano como na reconstrução da

Referências

Barreto, A. (1993). *Douro*. Lisboa, INAPA.

Bianchi-de-Aguiar, F., Dias, J.M., Andresen, T., Curado, M.J., Marques, P.F., Pereira, G.M., et al. (2000). *Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial*. Zamora, Fundação Rei Afonso Henriques.

Boeri, S. (1998-1999). Eclectic Atlases. Four possible ways of seeing the city. 69 (70), 102-113.

Calix, T. (2013). As morfologias da cidade contemporânea: uma matriz imperativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto. Tese de Doutoramento. FAUP, Porto.

Corboz, A. (2004 [1983]). El territorio como palimpsesto. In *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Barcelona, UPC, pp. 25-34.

Correia, J.A. (2017). *O Meu Moledo: Crónicas de João de Araújo Correia*. Carviçais, Lema d'Origem.

Daveau, S., Mattoso, J., Belo, D. (2013 [2010]). *Portugal: O Sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Maia, Círculo de Leitores.

De Abreu, A.C., Pinto Correia, T., Oliveira, R. (Eds.) (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal*. Lisboa, DGOT.

identidade histórica do lugar –ressalve-se que são obviamente considerados os efeitos sistémicos que a acção no espaço público e colectivo induz no espaço privado e individual.

¹⁸ Mestrado Integrado em Arquitectura, FAUP.

Geddes, P. (1949 [1915]). The Valley Section. In *Cities in Evolution*. Londres, Williams and Norgate, pp.164-167.

Hall, Peter (1996 [1988]). Geddes and the Anarchist Tradition. In *Cities of Tomorrow: An Intellectual History of Urban Planning and Design in the Twentieth Century*. Massachusetts, Blackwell Publishers, pp.137-148.

Machado, Rui. (1973) *As Caldas do Moledo das suas origens à actualidade*. Peso da Régua, Imprensa do Douro.

Moutinho, M.C. (1979). *A arquitectura popular portuguesa*. Lisboa, Editorial Estampa.

Oliveira, M. (1998) O Mosteiro do Salvador: Um Projecto do Século XVI. *Monumentos*. 9, 10-25.

Pinto da Silva, M. (2009). Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea. Tese de Doutoramento. FAUP, Porto.

Ribeiro, O. (1991 [1945]). *Portugal: o mediterrâneo e o atlântico*. Lisboa, Livraria Sá da Costa.

Riegl, A. (1987 [1903]). *El culto moderno a los monumentos*. Madrid, Visor Distribuciones.

Tradução do título, resumo e palavras-chave

The Valley Sections in Caldas do Moledo. The metamorphosis of Place and Time in the architectural landscapes of the Douro.

Abstract. *Caldas do Moledo, known as the entrance gate to the heart of the Douro thanks to its strategic position on the right bank of the river, has always been of great importance in the economic, cultural and social exchange. However new dynamics emerge in the region, and places once a feature in the landscape are now suspended in time in expectant decay of a new life. The construction of a revaluation strategy for the case study seeks to understand the possibilities of recovering a place full of character that holds potentialities within the contemporary dynamics. It will be presented a vision which does not identify with the superficial images of the touristic Douro, seeking, instead, to value its Genius Loci. The multidimensional potentialities of the section are explored as a research method and simultaneously as an observation tool, interpretation process and intervention strategy. The central argument seeks to understand how, little over a century, from the Patrick Geddes' Valley Section to Peter Hall's cross-sections, till the construction of an oblique look between André Corboz's palimpsestal layers and Stefano Boeri's eclectic observations – looking at Aloïs Riegl in the rearview mirror – the transformations of the territory itself demand other tools of understanding and strategies in the transformations of realities. It is essential to understand to carefully preserve and transform the material and immaterial heritage of the Douro Region, focused here in Caldas do Moledo, as much as it is imperative to reconstruct a discourse that joins tradition and progress, truly representative of a 'Cultural, Evolving and Living Landscape'.*

Keywords: *Douro, Caldas do Moledo, research method, multidimensional section, revaluation strategy*

Editor responsável pela submissão: Júlio Celso Borello Vargas

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

